

Editorial

Dossiê Samuel Beckett

O lugar central de Samuel Beckett na literatura e no teatro do século XX está longe de ser capítulo encerrado na reflexão contemporânea. Em escala global, o estudo de sua obra segue se renovando a partir do interesse contínuo, e sem ponto final à vista, que seus textos despertam nos encenadores e artistas das mais variadas tradições dramáticas, combinando o *cul-de-sac* do drama europeu à linguagem da Ópera de Beijing, ao teatro Nô, ao tropicalismo brasileiro, por exemplo. Variam, também, os ângulos de aproximação crítica, seja como sintoma da singularidade do interesse de hoje, seja como resultado da recente descoberta de farto material primário, antes inédito, a seu respeito.

É o caso da vasta correspondência do autor, editada recentemente pela Cambridge University Press em cinco alentados volumes, cobrindo a quase totalidade de seu percurso autoral. No mesmo âmbito, merece igual destaque o trabalho do *Samuel Beckett Digital Manuscript Project*, responsável tanto pela disponibilização *online* de originais e protoversões de suas peças e textos em prosa, quanto por edições críticas e bilíngues que ensejam o estudo dos bastidores da criação beckettiana em processo. Nos últimos anos, vem ganhando importância os estudos sobre a *intermedialidade* -especialmente ativa nas fases madura e tardia da obra do irlandês, quando ele se aproxima do cinema, do rádio, da TV, das artes visuais e da performance-, bem como o tema da tradução em todas as suas acepções, que abarca tanto o bilinguismo singular, sua dupla cidadania linguística, quanto as transposições criativas de suas peças dramáticas ou em prosa ora do página para o palco, ora do palco para o set ou para a tela.

Cresce ainda o interesse pela história da recepção beckettiana pelo mundo, pelas várias apropriações e leituras locais que Beckett tem suscitado nos mais diversos contextos.

Por fim, não envelhece a pergunta sobre as implicações filosóficas, linguísticas e psicanalíticas da experiência singular da linguagem e do *self* modernos a que o universo beckettiano convida.

No Brasil, um interesse análogo vem ganhando força ao longo dos últimos anos, evidente na profusão de montagens mais ou menos inventivas, na tentativa de resgatar o atraso no processo de edição de traduções da sua obra, na multiplicação de estudos acadêmicos recentes. O dossiê que ora se propõe busca oferecer um panorama desta cena reflexiva local, espelhando minimamente a abrangência e diversidade de modos com que Beckett vem sendo lido entre nós na atualidade, que não são poucos, nem pouco originais. Os artigos aqui reunidos contemplam o estudo de aspectos estruturais decisivos da sua obra dramática e em prosa. Abrindo o dossiê, o ensaio de Cláudia Maria de Vasconcellos se concentra em um dado fundamental da poética teatral beckettiana, um estranhamento potencializado e onipresente que faz dela um lugar de resistência e renovação constantes. Felipe de Souza, por sua vez, ocupa-se de historiar a progressiva conversão de Samuel Beckett em homem de teatro, discutindo a experiência da direção teatral como aspecto decisivo e formador de toda sua obra. Ainda no domínio do teatro e da performance, a questão central dos sentidos assumidos por Beckett hoje, quando da recepção criativa da obra, é o objeto central de dois artigos. No contexto global, Dirce Waltrick do Amarante trata da recente adaptação irlandesa para o palco de passagens dos *Texts for nothing*, e Fábio de Souza Andrade discute encenações e adaptações exemplares da apropriação brasileira da obra beckettiana.

Lívia Bueloni Gonçalves rastreia as metamorfoses da voz narrativa beckettiana posterior à trilogia do pós-guerra até a escrita de *Companhia*, texto cuja dinâmica elocutiva centrada na “cena de escuta”, Mario Sagayama também investiga de uma perspectiva que soma à análise dos intrincados recursos literários que contituem a obra, uma leitura lacaniana. Talita Mochiute Cruz pensa as ressonâncias e contrapontos desta mesma prosa exigente a partir do constante diálogo crítico com Beckett que forja a voz pessoal de J.M.Coetzee, muito movido por interrogação e admiração voltadas à obra do autor de Godot.

Se a obra beckettiana final recoloca o sentido das séries e repetições na(s) dicção(ões) beckettiana(s), Luciano Gatti responde ao tema em leitura de uma das

experiências centrais de Beckett na linguagem televisiva, *Quad I e II*. O enfrentamento das singularidades técnicas das linguagens novas exploradas, forçadas ao limite da ruptura, aparece também no texto de Fábio Ferreira, no qual o processo da tradução, tão central em Beckett, é pensado como recurso performático, procedimento paradigmático que permite aproximar obra dramática e narrativa nas peças e textos tardios. Já Liliane Benetti apresenta as experiências na linguagem televisiva do videoartista canadense Stan Douglas, nos anos 1990, em diálogo permanente com as poucas, mas decisivas incursões beckettianas no meio.

Esta novidade do sentido do tempo que a repetição como recurso formal privilegiado introduz na poética beckettiana é explorada a partir de uma perspectiva deleuziana pelo ensaio de Annita Costa Malufe e suas implicações musicais, levantadas *en passant* pela autora, são desenvolvidas em dois outros textos do dossiê. Sérgio Medeiros cuida das surpreendentes homologias, de atmosfera claro, mas também temático-formais, entre o monodrama *Erwartung*, de Arnold Schoenberg, e o breve texto beckettiano “*Un soir*”/“*One evening*”, ponto de partida do texto central da chamada segunda trilogia, *Mal vu, mal dit*. Por fim, rastreando dos marcos concretos de uma longa e essencial relação beckettiana com os músicos e com a música, Silvio Ferraz reconstrói a importância dos procedimentos de composição musical para a abolição de um tempo contínuo e teleológico na prosa e no drama beckettianos.

Feita essa incursão na matéria vária da obra beckettiana, sob a competente condução de Fábio de Souza Andrade (USP), retornamos agora ao excuro habitual pelos temas afins e seções transversais de Eutomia. Primeiro abrimos lugar para o conto *Tourniquet*, do livro “A Peça Intocada” (Editora Arte e Letra), com o qual Luci Collin, escritora assídua em nossas páginas, venceu o Prêmio Jabuti em 2017. É com prazer que experimentamos, pela excelente fatura da escritora paranaense, a assunção, em ritmos e rimas bem marcados, da poesia em meio à sua prosa bem urdida, neste conto a partir das possibilidades da palavra “peça”. Em “Estudos do Romance”, Pedro Dolabela Chagas (UFPR) acrescenta mais um olhar sustentado sobre o gênero a nossas páginas. “Forma do romance e forma da história: a representação do “Terceiro Mundo” em ‘Zero’, de Ignácio de Loyola Brandão”, é o texto que desafia questões relativas à “insuficiência das formas e conceitos legados pela tradição literária diante das contradições da modernização brasileira”. Paulo

Henriques Britto (PUC), em “Para uma avaliação mais objetiva das traduções de poesia” (“Estudos da Tradução”), exercita sua bífida expertise de linguista e de poeta a fim de nos sensibilizar para a tarefa, conclamando a linguagem nos seus níveis semânticos, sintáticos, fonéticos e rítmicos pelos quais o poema se articula, desnudando os processos que permitem recriar, com os ‘recursos da língua meta, os efeitos de sentido e forma do original’. O poema que examina é o *Cirque d’Hiver*, de Elisabeth Bishop. Na seção “Poesia”, três poemas de Beatriz Helena Ramos Amaral, confirmam e reconfirmam o seu trato com a mais bela face dos significantes: “Matinas”, “Cinco-Cintilâncias Crítico-Genéticas” e “Fagulha”. E quatro poemas do novo livro de Eleazar Venâncio Carrias: *Regras de Fuga*, publicado em 2017 pela editora Galáxia. Na seção “Resenha”, eis que retorna Beatriz, agora sob a lente crítica de Ronald Werneck. Ele escreve sobre o livro de contos e crônicas “Os fios do anagrama” (RG Editores/ São Paulo, 2016), com o qual Beatriz venceu o Prêmio Literatura 2017, com prefácio de Mara Cecília Freire César, PhD em Estudos Comparados pela USP. “Elegante, sofisticada, erudita” - pontua Werneck – “a escritura desses contos ressalta na maioria das vezes a força da palavra, a extrema habilidade de Beatriz em manejá-la, sobrepondo-se à própria narrativa”. De Guilherme Gontijo Flores, que a cada ano ganha notoriedade como poeta e tradutor de poesia, publicamos “Poemas esparsos de Rabelais”, na seção dedicada à tradução literária. “Este poema foi publicado em 1524, no início do tratado de André Tiraqueau sobre as leis do casamento: *De legibus connubialibus et jure maritali* (Sobre as leis do casamento e o jus marital)”, nos informa o autor. Guilherme acaba de receber o APCA de 2017 pela tradução de Safo. Em 2013 também havia recebido o APCA pela tradução de “Anatomia da Melancolia”, de Richard Burton e o Jabuti de tradução, em 2014, por esse mesmo livro. “A tradução me salvou”, afirma. “Eu escrevia desde a adolescência, mas era tudo muito ruim, ora pelo sentimentalismo barato juvenil, ora pelo ímpeto ‘inovador’ que me levava a um formalismo virtuoso e vazio”. Por fim o conto “Mãos”, de Sherwood Anderson, autor da ‘geração perdida’, traduzido por Sueli Cavendish, de olho nos nichos obscuros de onde saltou a poética de William Faulkner.

Fabio Rigatto de Souza Andrade (USP)

Sueli Cavendish (UFPE)

Fatiha Dechicha Parahyba (UFPE)